

Jürg Acklin: «Viajar faz parte da natureza humana, precisamos disso»

De TRAVEL INSIDE - 26.11.2020

O jornalista de viagens e autor da TRAVEL INSIDE Kurt Schaad esteve à conversa com o conhecido psicanalista e escritor Jürg Acklin.



Jürg Acklin © zVg

Já que não podemos viajar, ou que o podemos apenas com limitações, sobra-nos pelo menos tempo para conversar sobre o que está na base das viagens e dos comportamentos de viagem. Uma conversa de fundo com o escritor e psicanalista suíço.

Jürg Acklin, o vírus mais famoso dos últimos tempos dá pelo nome de Covid-19. E depois há também um outro vírus que já existe há milhares de anos: o vírus das viagens. Eu também fui infectado por este vírus. Como podemos caracterizar este vírus com precisão?

Para lhe dar uma resposta simples e que soa a *cliché*: originalmente, o ser humano era nómada. É desde logo aqui que encontramos a semente. Deslocava-se de sítio para sítio, vivia assim. Os aprendizes de artesãos também tinham de viajar e o comércio evidentemente também teve de o fazer. Foi sempre preciso «conquistar» novos lugares, inclusivamente com recurso à guerra.

Antigamente, as pessoas não viajavam, mas travavam guerras, entre outros. Os mercenários eram, na verdade, também turistas, só que viajavam de alabarda às costas. Qualquer que seja o lugar onde o ser humano esteja, a verdade é que não lhe basta. Quer ver coisas. No sentido positivo, o ser humano é curioso. Quer saber o que há para lá do vale. Se não viajarmos, ficaremos sempre apenas com o que sempre já tivemos. No momento em decidimos viajar, acedemos a novas impressões, novas gentes, novas paisagens, somos remoldados.

Como assim, remoldados?

Ampliamo-nos. Aquilo de que nos apropriámos como nosso e de que fizemos o nosso lar não nos leva mais longe. Quando estamos numa cidade totalmente diferente, num outro país, precisamos de desenvolver novos mecanismos. Temos de aprender mais alguma coisa, experienciamos talvez um choque cultural. Quando deparamos com algo desconhecido, vemo-nos se calhar em dificuldade e temos de encontrar toda uma nova orientação. É algo que alarga muito os horizontes da pessoa.

Mas essa experiência também está associada a sentimentos negativos.

Sim, mesmo para aquele que viaja, para aquele que gosta de o fazer, mas este sabe lidar com isso. São também essas situações de impotência que nos permitem avançar. Temos de fazer alguma coisa — ou regressamos a casa ou à psicoterapia, para quem a tem. Muita gente não gosta de viajar porque tem de sair da sua zona. Por medo de não conseguir lidar com a situação.

Há também a diferença entre viajar e fazer férias.

As férias são um conceito que surgiu na verdade com os Ingleses no final do século XIX. A classe alta podia dar-se ao luxo de fazer férias na Suíça. Foi aliás assim que nasceu a hotelaria suíça. Um punhado de aventureiros também já começava a empreender a viagem de Londres para Zermatt, por exemplo. Este tipo de turismo estava também associado a um conceito de prestígio e desencadeou a ideia de viajar em férias. Quando, nos anos 1950, viajávamos para a Itália com toda a família enfiada num carro, também era uma espécie de aventura. Outra língua, outra cultura, outra música, etc. E em certa medida não era tão barato como entretanto se tornou.

Hoje em dia, a aventura reside em não termos a certeza se a mala vai chegar ao destino.

Sim, e os hotéis são iguais em toda a parte, têm ar condicionado, tudo é muito cómodo. Mas a vontade de viver aventuras é, em si, uma coisa boa. É uma faceta genuína do ser humano. Mas, em certa medida, também pode ser uma fuga e pode tombar para o lado do vício. Por exemplo, a necessidade de no fim-de-semana dar um salto rápido a fazer compras em Milão ou então mesmo em Nova Iorque. Estes alegados viajantes não estão de todo presentes no sítio onde estão. Não estão em Milão nem em Nova Iorque. São como gases voláteis.

E as viagens profissionais?

Neste momento, esse tipo de viagens não se realiza de todo ou apenas muito pouco. Contudo, é espantoso ver como o mundo dos negócios funciona ainda relativamente bem apesar disso. Uma grande parte destas viagens — hoje em Hong Kong, amanhã no Dubai — estava associada a prestígio, mas isso agora já não é tanto assim. É preciso encontrar novas formas de comunicação. Não é propriamente uma aventura viajar em primeira classe e entrar num quarto de hotel no Dubai que é exactamente igual ao de Hong Kong. Mas é um momento de prestígio importante.

Viagem como vício?

Tudo tem o potencial de se tornar num vício. É só uma questão de dimensão. Quando precisamos permanentemente de nos distrairmos: aí, as viagens podem desempenhar um papel muito importante. Primeiro viajamos para perto, depois vamo-nos afastando cada vez mais e, por fim, o limite é mesmo o globo terrestre. E quem sabe um dia no futuro próximo não chegaremos a Marte. Faz parte da natureza humana. Precisamos disso. Se calhar até será necessário para a nossa sobrevivência.

Viajar nem sempre é agradável. Deslocações longas, *jetlag*, procedimentos de segurança, aviões com pouco espaço, etc. E, ainda assim, estamos sempre a fazê-lo. Em vez de todas estas tribulações, que tal um passeio até ao Lago dos Quatro Cantões? Também é bonito.

As pessoas são seres curiosos e abertos que se satisfazem em conhecer coisas novas. É uma das principais forças motrizes. Permite-nos avançar. Interiormente, quem viaja tem um mundo de imagens diferente daqueles que o fazem menos. Na verdade, um mundo de imagens onde experienciou profundamente alguma coisa. Não são imagens da televisão. Sentiu-lhes o sabor, os sons, etc. Antigamente, eu costumava dizer: por que razão tenho de ir até lá? Sou uma pessoa dotada de muita fantasia. Isso é verdade. Consigo imaginar Nova Iorque muito bem. Mas é diferente quando lá estamos e chocamos contra o candeeiro de rua. É outra vida. Vemos como as coisas são na realidade e isso, penso eu, é importante.



O psicanalista Jörg Acklin aparece com frequência na televisão. Aqui no «Club» da SRF. @Screenshot SRF.ch

Quer dizer então, não basta apenas ir ao Lago dos Quatro Cantões?

Neste momento fomos forçados a não fazer passeios nenhuns. Eu, por exemplo, não voltei ao lago de Klöntal. Incrível. Podemos ali descobrir muita coisa. Neste momento, a moldura em que nos inserimos já não é o mundo, mas sim a Suíça. Sem querer soar piroso: assistir ao pôr-do-sol no Atzmännig com vista para o lago — peço desculpa, mas é quase de morrer. Isto também é uma pequena aventura. Os cientistas da natureza são aliás também aventureiros, caso contrário não veríamos o mundo como ele se nos apresenta hoje.

Este mundo está agora marcado pelas mudanças climáticas. É verdade que isso não me impede de embarcar num avião, mas lá atrás da orelha acompanha-me sempre o peso na consciência. Um conflito interior que se irá acentuar ainda mais no futuro.

Sim, o peso na consciência. Será que devo deixar de ir de carro até ao lago de Klöntal? Quer dizer... Antes de ser atacado pela nostalgia do coronavírus, o melhor mesmo é ir de carro até lá. Este equilíbrio também é importante. Se formos viajantes genuínos, isso não nos deveria ser tirado. Voar sem sentido, voar por vício, voar por prestígio, isso já é outra coisa. Mas quem sabe desenvolveremos aviões que já não libertem gases nocivos. Se prescindirmos das viagens, no final viveremos todos num vale em que já não conseguimos ver para lá da montanha.

Viajar também tem de certa forma um elemento libertador. Será que deixar de viajar não será uma expressão de como é problemático estarmos limitados na nossa capacidade de movimentação?

Num momento em que já não possamos sustentar as nossas utopias — todos vivemos de pequenas e grandes utopias pessoais —, no momento em que uma viagem planeada afinal não pode ser realizada, quando deixamos de ter isso, é algo que nos corrói por dentro. Temos memórias positivas das viagens. As paisagens, as pessoas, a comida, o ambiente. Foram dias felizes e queríamos vivê-los outra vez. Vejo a sensação de felicidade

das pessoas quando podem simplesmente sentar-se numa praia. E costumo dizer: integrem algo desta sensação no vosso dia-a-dia. Temos além disso de ter o cuidado para não vivermos a vida numa roda de *hamster* e só de lá sair quando fazemos férias.

Podemos também negar o vírus, dizendo que ele não existe de todo. Há quem recuse usar máscara. Uma necessidade de liberdade individual que não é compatível com uma sociedade em que partilhamos o espaço com outros.

Faz-me lembrar quando introduziram o cinto de segurança, quando as pessoas agiam como se o Estado fosse um ditador. Há pessoas que não suportam isso. No 11 de Setembro pudemos observar os mecanismos de defesa que as pessoas tinham à sua disposição. Vimos os pânicos: agora rebentam bombas por todo o lado. Os negacionistas argumentam que há mais gente a morrer de acidentes de automóvel e depois havia também aqueles que diziam que é bom sermos sacudidos de vez em quando. As pessoas que negam revelam medos enormes.

No momento em que dizemos que nada está a acontecer, isso torna-se realidade. Ou que é culpa do Bill Gates. Quando dizemos que a culpa é de alguém, achamos que basta impedi-lo de continuar com os seus vis intentos e o problema desaparece. O medo então desaparece. Os negacionistas é que não querem entrar em pânico. Negar é um mecanismo de defesa muito forte. Se sentirmos que podemos estar prestes a desmoronar, então temos de fechar a torneira da realidade e dizer: a mim não me acontece nada. Não conseguimos conversar com determinadas pessoas. Elas não admitem a realidade porque, ao fazê-lo, dariam lugar ao medo.

Mas agora existem também os medos reais do sector das viagens, em que está em jogo a subsistência das pessoas, por não poderem exercer a sua actividade.

Os medos reais, ao contrário dos medos neuróticos, que nos bloqueiam desnecessariamente, têm uma função importante. Protegem-nos de fazer coisas perigosas. Somos incentivados a analisar a situação de cabeça fria e a encontrar soluções adequadas.

E se eu deixar de poder viajar: que significa isso? Eu quero viajar. Resta-me ainda o Lago dos Quatro Cantões.

Se fores uma pessoa sensata, vais sofrer, isso vai enervar-te imenso. Vais reflectir muito objectivamente sobre aonde ainda podes ir, ponderas o risco e tomas uma decisão. E podes enervar-te com a falta de organização, o Ministério da Saúde ou o Conselho Federal. A ideia não é seres sempre um bravo cidadão que se consegue adaptar. Contudo, ao mesmo tempo, também temos de saber que não foram nem o Conselho Federal nem o Ministério da Saúde quem inventou o vírus. Na Alemanha, houve quem dissesse que as regras impostas eram como a lei que atribuiu plenos poderes a Hitler. Isso é absurdo.

Habitúamo-nos. Quando os meus pais fizeram a sua primeira viagem ao estrangeiro, eu já tinha dado duas voltas ao mundo. Viajar como uma evidência. Um absoluto privilégio. Hábitos que se aplicam também a muitas outras pessoas. Habitúamo-nos a conquistar o mundo.

Temos de encontrar soluções para que o possamos voltar a fazer. Nem que tenhamos de pedir desculpa por termos prazer em viajar. Temos de encontrar formas de voltar a fazê-lo. Tudo isto tem também que ver com mudanças tecnológicas. Não são apenas as ideologias que mudam o mundo. Felizmente, desenvolvemos as ciências.

Quer isso dizer que deveríamos também procurar observar a evidência do bem-estar sob outro ponto de vista?

Pode também acontecer uma sobressaturação. Se comeres lombo todos os dias, com o tempo terás de desenvolver um estímulo ainda maior para comer e isso acaba por se tornar absurdo. Em contrapartida, o vírus pode ser salutar e podemos questionarmo-nos o que será efectivamente mais importante para nós e aquilo que desejamos realmente. É agradável podermos escolher entre 500 iogurtes diferentes, mas não precisamos necessariamente de tantos.

Ou seja, graças ao vírus, podemos reflectir sobre o sentido e a finalidade de uma viagem ou o sentido e a finalidade da nossa existência?

Não gosto da ideia da crise como uma oportunidade, já que isso é sempre dito no momento errado. Embora possa ser verdade, não nos vale de nada dizer isto quando estamos bem no meio dela. Mas é verdade que é assim. Há também aquela afirmação terrível de que é preciso uma guerra para que as pessoas voltem a dar valor ao que têm. E as pessoas que ficaram gravemente doentes ou que morreram na pandemia também não dirão que terá sido uma oportunidade. Mas oferece-nos uma oportunidade na medida em que somos lançados para os mais existenciais problemas e que somos todos cidadãos do mundo, todos igualmente vulneráveis. Por sorte, não foi precisa uma guerra.

O coronavírus sacode-nos a existência. O ser humano não se tornará melhor nem pior, mas é um momento de paragem e pausa. Como antigamente o aprendiz de artesão esfregava a testa quando chegava a uma bifurcação no caminho e se perguntava de onde venho, quem sou, para onde vou.

Está agora aí a chegar a vacina que coloca tudo novamente em segundo plano. Mais meio ano e tudo volta ao que era antigamente. E então continuaremos a viver exactamente como antes.

Isso é mesmo muito provável. Mas vão ficar algumas sequelas. Como, por exemplo, no movimento de 1968 que, à primeira vista, não teria trazido grandes mudanças. Mas houve muito mais sequelas do que se pensava. O questionamento das autoridades, a relação homem/mulher, etc. Aconteceu muito mais do que se pensa. Também o período do coronavírus nos deixará algumas sequelas e, na verdade, a vacina é uma enorme oportunidade de regresso ao decurso normal das nossas vidas.

Podemos então perguntar o que nos ficou do período do coronavírus. Que efeitos deixou.

O ser humano subsiste pela sua incrível capacidade de adaptação —se assim não fosse não sobreviveríamos — e pela sua rápida disponibilidade para se esquecer.

E pelo seu extremo amor à inovação — basta ver o tempo que demorou a desenvolver uma vacina.

Há então motivo para esperança.

(Entrevista: Kurt Schaad)

Artigo original: <https://abouttravel.ch/reisebranche/juerg-acklin-reisen-gehoert-zum-menschen-der-mensch-braucht-das/>

Pura Communications – Tradutora: Ana Pinto Mendes